

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA LOCAL E ENSINO DE HISTÓRIA: AS MEMÓRIAS DA PAISAGEM DO BAIRRO CARANANDUBA, NA ILHA DE MOSQUEIRO, BELÉM – PA.

Roberto Souza Costa

Mestrando do Programa de pós-graduação em Ensino de História/UFPA-Ananindeua).

robertcosta27@gmail.com

O presente artigo tem o fito de socializar reflexões nascidas no curso da pesquisa que está a se desenvolver no ProfHistória/UFPA e trata de questões relacionadas à história local, memória, história urbana, história oral, história pública e ensino de história. Parte do pressuposto de que as memórias acerca das transformações ocorridas na paisagem do bairro Carananduba, na ilha de Mosqueiro (Belém-Pa), circulam nos lares de alunos e alunas e no espaço escolar. Propõe-se fazer destas memórias um instrumento fomentador, aos discentes, em prol de uma percepção das formas de ver, sentir e situar-se no bairro, compreendendo a importância de conhecer a história do lugar e dela fazer parte, não somente numa atitude de rememoração, mas de percepção crítica acerca da memória local e de construção de sentido para os discentes. A investigação ocorre no bairro citado e vale-se da metodologia da história oral. O objetivo é promover um ensino de história, propiciador de aprendizagens significativas, que possibilite a construção e percepção de diferentes modos de ver, sentir e pensar o bairro, compreendendo a importância da construção e valorização da história local e o papel que a escola, enquanto instituição de ensino, desempenha nesse processo.

**Palavras-chave:** ensino de história; história local; memória.

### INTRODUÇÃO

Com o presente artigo, pretende-se socializar reflexões nascidas no curso da pesquisa que está a se desenvolver no programa de pós-graduação em ensino de história (ProfHistória) que trata de questões relacionadas à história local, memória, história urbana, história oral, história pública e ensino de história.

Parte-se do pressuposto de que as memórias acerca das transformações ocorridas na paisagem do bairro Carananduba, um dos bairros da ilha de Mosqueiro<sup>1</sup>, distrito administrativo de Belém do Pará, circulam nos lares de alunos e alunas e no espaço

---

<sup>1</sup> Mosqueiro é um arquipélago constituído por trinta e cinco ilhas, contudo no presente artigo optou-se pela denominação popularmente conhecida entre a população nativa e seus visitantes “ilha de Mosqueiro”, que se situa a 77 km de distância em relação a capital Belém, o acesso se faz por via terrestre.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escolar<sup>2</sup>. Propõe-se fazer destas memórias um instrumento fomentador, a alunos e alunas, em prol de uma percepção das formas de ver, sentir e situar-se no bairro, compreendendo a importância de conhecer a história do lugar e dela fazer parte, não somente numa atitude de rememoração, mas de percepção crítica acerca da memória local e de construção de sentido para discentes.

A investigação ocorre no bairro citado e se vale da metodologia da história oral. A opção por seu uso se deve ao fato de reconhecer que tal metodologia favorecerá o protagonismo de estudantes envolvidos na pesquisa, pois lhes permitirá atuar ativamente no trabalho de produção, análise e interpretação de fontes orais, uma vez que a história oral, enquanto metodologia, “[...] pressupõe a produção de uma fonte específica, que é o resultado da pesquisa e do estudo prévio para a coleta de depoimentos com fins documentais, ou seja, a preservação de uma memória.” (FERREIRA; FRANCO, 2013, p.142).

Dessa forma, tem-se na história oral um instrumento propiciador à realização de um ensino de história que ocorra para além dos muros da escola e que seja capaz de fomentar e valorizar a preservação da história e memória do bairro e de pessoas que nele habitam e, além disso, que ofereça aos discentes atividades onde seja necessário o desenvolvimento de habilidades caras ao aprendizado histórico:

No ensino de história, por exemplo, alguns recursos oferecidos pela história oral podem ser úteis: uma entrevista pode tornar o aprendizado mais fácil, porque trata de experiências concretas, [...] o aluno passa a desenvolver várias habilidades: o planejamento do trabalho, a prática de pesquisa e capacidade de falar com pessoas desconhecidas. (ALBERTI, 2004, p. 28)

A ilha de Mosqueiro é conhecida por suas dezessete praias de água doce, em algumas delas a formação de ondas favorece práticas esportivas e por sua proximidade com a capital é destino procurado por muitos visitantes.

---

<sup>2</sup> A pesquisa é realizada com discentes da Escola Professor “Abelardo Leão Condurú” que, por sua vez, atende a alunos e alunas advindos da comunidade local, bem como de bairros mais afastados do centro de Mosqueiro. O professor pesquisador atua nesta escola há 12 anos. Convém ressaltar que, devido às limitações impostas pelo contexto pandêmico, o cronograma de atividades com discentes foi reorganizado, sendo retomado em fins de junho.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, diferenciando-se de muitos bairros, Carananduba não apresenta um grande potencial de balneabilidade, o que favorece a não atração de visitantes que se deslocam para a ilha<sup>3</sup>, essa condição colaborou por muito tempo para o não desenvolvimento e crescimento do bairro, no que se refere a atividades comerciais ligadas a prática do veraneio, por exemplo, tal constatação foi expressa por Meira Filho (1978) ao destacar que poucas pessoas provenientes da capital manifestavam interesse em edificar suas casas naquela localidade:

Devemos assinalar, nessa hipótese, a situação de todas as praias que seguem a partir de Carananduba [...]. Poucas pessoas revelaram interesse em edificar suas residências de veraneio naquela extensa zona [...] A ausência de serviços públicos, rodovia, água, eletricidade, transporte fácil, acesso à Vila, etc., contribuiria para essa posição de esquecimento [...] durante muito tempo, Mosqueiro era a Vila<sup>4</sup>, depois se estendeu. Passou a incorporar o Chapéu Virado e mais tarde, Murubira e Ariramba” (1978, p.74-75).

Segundo Tavares (2019), o processo de urbanização que Mosqueiro vivenciou, em fins do século XIX, trouxe consigo o apelo da *Belle Époque*. Na ilha, tal processo ocorreu, de certa forma, relativamente semelhante ao ocorrido em Belém, fruto da economia gomífera na mesma época, porém as benesses da urbanização não alcançaram bairros mais afastados do centro como Carananduba.

Por muito tempo o referido bairro, em termos populacionais, foi constituído por habitantes, em sua maioria nativos, além disso, estes se ocupavam basicamente em atividades de pesca, roça e extrativismo vegetal. Tratava-se de uma localidade povoada e não populosa, bem como possuidora de grande área verde, onde eram encontrados igarapés que serviam ao lazer e ao trabalho<sup>5</sup> de pessoas que no bairro residiam .

Porém, no final da década de oitenta, ocorreram na ilha ocupações desordenadas e Carananduba foi um dos bairros onde mais se vivenciou tal fato, o que levou ao crescimento populacional daquela localidade. As consequências desse fato foram, entre

---

<sup>3</sup> Os bairros da ilha de Mosqueiro são reconhecidos por suas praias, a praia de Carananduba é uma praia pequena, com poucos atrativos para os visitantes.

<sup>4</sup> Bairro central de Mosqueiro, que por muito tempo era o lócus das atividades comerciais da ilha, além disso, anterior à construção da rodovia que liga Mosqueiro a Belém, o referido bairro era a porta de entrada do local, pois possuía um pequeno porto onde embarcações advindas da capital ancoravam.

<sup>5</sup> Era comum que mulheres acompanhadas de crianças utilizassem os igarapés para a lavagem de roupas.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

outras, a redução das áreas verdes do bairro e, por conseguinte, o assoreamento dos mananciais e igarapés, a alteração da paisagem local, bem como dos hábitos ou modos de vida da comunidade.

O intuito da pesquisa é alcançar a compreensão de como o bairro é rememorado por discentes<sup>6</sup> e moradores mais velhos (familiares de alunos e alunas) que vivenciaram, testemunharam e, de certa forma, participaram ou não dos processos de mudança na paisagem do bairro. Além disso, perceber como essa memória da mudança da paisagem se faz presente no espaço escolar, bem como, de que modo as transformações sofridas no bairro alteraram a paisagem local, o modo de vida da comunidade e os modos de ver e viver o bairro.

Considera-se que discentes são possuidores de memórias acerca do bairro, nascidas e construídas na convivência familiar:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência listada para lidar com os dados do passado mas não há memória. (BOSI, 1997, p. 31).

A constatação e a defesa de que as memórias dos mais novos (no caso da pesquisa, de discentes) são tão importantes quanto as daqueles que possuem mais tempo de vida, assim é feita por considerar-se que os primeiros, por sua vez, também constroem memórias a partir de suas experiências vividas e inseridas na paisagem a ser estudada, memórias de mudanças e transformações, caras e marcadas por subjetividades tal qual aquelas de pessoas mais velhas.

Nas bases conceituais da pesquisa, tem destaque o conceito de “paisagem”, em especial, o que se encontra disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que o define como “uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente”. (BRASIL, 1997, p. 11).

---

<sup>6</sup> O público-alvo da pesquisa corresponde a doze discentes advindos de duas turmas do ensino fundamental (oitavo e nono ano). Inicialmente, objetivava-se trabalhar com alunos de uma única turma, contudo com as dificuldades que o contexto pandêmico e o ensino remoto têm imposto, optou-se por convidar discentes de duas turmas, visando obter um número maior de participantes.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A conceituação expressa está em conformidade com o que se objetiva estudar, no que tange à compreensão da memória da mudança dos elementos que compõem a paisagem, em especial, quando permite refletir sobre temporalidades distintas, o que por sua vez coaduna com a ideia de que “[...] a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço”. (SANTOS, 1998, p.24).

A ideia de que há “pedaços de tempos históricos” na paisagem do bairro, fomenta o intuito de perceber que a memória de Carananduba deva ser concebida em suas camadas como um palimpsesto, tal qual Pesavento (2004) concebe as memórias de uma cidade:

[...] há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou mais que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento [...]” (PESAVENTO, 2004, p. 26).

A sobreposição de camadas de experiências (de memórias) permite também que se considere a multiplicidade da noção de paisagem, bem como as inúmeras possibilidades de rememoração, apoiadas nos sentidos humanos que se ligam as recordações, aos sentimentos, às relações que são estabelecidas na construção das memórias no que se refere às paisagens.

A história da paisagem privilegiou durante muito tempo a vista; ora existe uma paisagem sonora e uma paisagem olfactiva, ela própria evocadora de sabores. Impôs-se a pouco e pouco a noção de uma paisagem vista em primeiro lugar como uma leitura sujeita à evolução dos desejos, das modalidades de atenção e de escuta, da mecânica do olhar e, ao mesmo tempo, às formas da desatenção, da desenvoltura e da cegueira. (CORBIN, 1998, p. 104-105)

Assim, acredita-se na possibilidade de existência de memórias distintas acerca do bairro, marcadas pela apreensão sensível da paisagem, pelo fato de viver no bairro e viver o bairro, memórias de quem fez do seu local um espaço de trabalho, de quem cultivou roças, de quem explorou suas matas, de quem ali constituiu família e de quem viu o bairro mudar e também com ele mudou.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

No que se refere à dimensão propositiva da pesquisa, a intenção inicial visava a produção de um documentário, contudo com o advento do contexto pandêmico, fez-se necessário alterar escolhas metodológicas e por conseguinte encontrar uma alternativa viável que, ainda assim conservar-se, de certa forma, as motivações, intuítos e características da proposição inicial pensada.

Logo, a solução encontrada foi a produção de um livro memorial, com vistas a publicizar a história e memória do bairro, ao mesmo tempo em que se deseja que o alcance de tal proposição ultrapasse o público discente, sirva também a posteridade e como meio de devolução da pesquisa àqueles que permitirão a abertura necessária para o recolhimento e registro de suas memórias, bem como a construção de fontes orais.

Nesse sentido, destaca-se a importância de recorrer à história pública e com esta estabelecer importante diálogo, que seja capaz de fazer da escola, através da pesquisa, um espaço de publicização da história do bairro e, além disso, perceber nesse processo a construção de um conhecimento histórico escolar que mantenha estreita relação entre o vivido, rememorado, sentido e aquilo que se aprende formalmente no cotidiano de ensino, uma vez que: “a produção e significação do conhecimento histórico configura um eixo fundamental da história pública, para além da publicização e ampliação dos públicos”. (FERREIRA in MAUD; SANTHIAGO e BORGES, 2019, p. 36).

Portanto, compreende-se a necessidade de que a pesquisa se revele como um caminho à promoção de um ensino de história gerador de sentido a discentes envolvidos nas atividades a serem propostas e colabore na posteridade das memórias do bairro em questão, o que permitirá uma contribuição à historiografia local, em especial, quando se percebe que pouco se produziu a respeito de Carananduba. Além disso, o fomento ao desenvolvimento de uma percepção crítica das memórias acerca do bairro, por parte de alunas e alunos, compreendendo que preservar a memória da mudança da paisagem é também se reconhecer ora como um sujeito que sofre as consequências das transformações, ora como um agente de transformação do local que se habita.

**SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA, HISTÓRIA LOCAL HISTÓRIA URBANA E  
HISTÓRIA PÚBLICA.**

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Numa concepção tradicional, o ensino da disciplina história cristalizou-se como algo que em nada se comunicava e/ou se relacionava com as vivências de estudantes. Assim, o passado dos grandes nomes, das grandes guerras, das sociedades, por exemplo, a muitos foi apresentado como distante e sem estabelecer relações contextualizadas com a vida prática de quem “recebia” tal conhecimento.

Nesse sentido, pensar o ensino de história na atualidade é compreender a necessidade de que esse ensino “fale” aos estudantes, que lhes cause inquietações, que suscite curiosidade histórica, que fomente a dúvida e a investigação, caras aos processos de ensino e aprendizagem.

Assim, compreende-se que a opção pela história local seja, nessa perspectiva, capaz de se revelar como um instrumento fomentador de construção do conhecimento histórico escolar, este por sua vez, fruto de uma ação coletiva e colaborativa, onde docentes e discentes possam aprender e ensinar mutuamente, gerando assim sentido e possibilitando estabelecimento de relações significativas com seus contextos de vivências.

O ensino de história, enquanto campo de pesquisa, configura-se como um vasto universo de possibilidades e, nesse sentido, tem-se a história local como uma dessas possibilidades de pesquisa e elemento fomentador de construção de conhecimento histórico escolar que faça sentido a alunos e alunas.

Pensar em história local implica na aceitação de que (ao pesquisar uma determinada comunidade, localidade ou bairro, por exemplo) as possibilidades de investigação, análise, interpretação e escrita serão diversas, logo, esgotá-las talvez seja um intuito de difícil realização, uma vez que a construção da história se modifica por ser feita de pessoas e por pessoas que também se modificam, por isso: “Apesar das várias possibilidades de escrita da história e por mais antiga que seja uma comunidade, a sua história será sempre uma construção inacabada” (CORREA, 2002, p.29).

Nesse sentido, faz-se uso das reflexões de Albuquerque Jr (2015) sobre o conceito de região, que podem ser aplicadas ao estudo de um bairro, por exemplo, ao considerar o primeiro como:

[...] uma narrativa que se encarna em coisas, pessoas, relações e instituições que a veiculam e a praticam; e também um elemento da

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

subjetividade, uma matéria que conforma o que costumamos chamar de interior dos sujeitos. (2008, p.61)

Dessa forma, entende-se que ao estudar a história de um bairro, por exemplo, há que se considerar as diversas e distintas formas de percepção do referido espaço por parte de quem o vivencia e o rememora, percebendo a construção de memórias atinentes ao bairro como algo passível de mudanças, ligado ao sensível. Sobre as diversas possibilidades de percepção do espaço, Corbin (1998), tendo como objeto de reflexões a cidade, afirma que:

[...] cada um dos que a vivem realiza com essa cena cotidiana uma montagem que lhe é própria, consoante os seus hábitos perceptivos, a sua cultura sensível, a gama das suas ansiedades e dos seus cuidados, a sua mais ou menos estreita submissão às nostalgias e à fascinação do imaginário. (1998, p.107)

Levando em conta as produções historiográficas locais relacionadas à ilha de Mosqueiro, pode-se afirmar que pouco tem sido feito para registro da história do bairro e para preservação de sua memória. Nesse sentido, existe com a pesquisa uma necessidade de que a história do bairro Carananduba seja narrada e publicizada, uma vez que muito tem se perdido no que se refere à sua história e memória.

Destarte, compreende-se o caráter de necessidade da pesquisa, numa atitude de coleta e preservação das memórias de moradores do lugar, pois são elas um: “repositório de informações que a próxima geração há de se utilizar e que não terá disponível se a recolha não for feita no tempo presente”. (SILVA, 1998, p. 393).

Na pesquisa, fez-se a opção por associar o estudo da história local à metodologia da história oral e acredita-se que tal associação se configura como fundamental, não somente no que se refere à necessidade de preservação e publicização da memória do bairro Carananduba, mas, no contexto de ensino e aprendizagem da história por parte de discentes e professor pesquisador, uma vez que no trabalho de construção de fontes orais, alunos e alunas entrarão em contato com o método histórico, em especial no que se refere à metodologia escolhida para a pesquisa.

Nesse sentido, a pesquisa se encontra em conformidade com uma das competências específicas de história para o ensino fundamental da Base Nacional



## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Comum Curricular (BNCC), mais precisamente a de número seis: “Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.” (BRASIL, 2018, p. 7).

Há que se considerar que por maiores que sejam os subsídios ofertados a discentes no contato com o método histórico, não se pode esperar que estes o realizem com o mesmo rigor de um profissional da área. A intencionalidade deste contato leva em conta a realização ou efetivação de uma proposta de ensino de história que seja significativa para seu público-alvo, que lhe permita agir como protagonista, assumindo postura participativa e colaborativa no processo de construção do conhecimento histórico escolar.

Quando se pensa em um ensino de história que seja significativo, ou seja gerador de sentido aos estudantes, apoia-se na possibilidade de que com a pesquisa da história local (associada à metodologia da história) os discentes possam então compreender que o estudar história extrapola a ideia de um estudo focado nos grandes eventos, fatos e nomes. Dessa forma, estudar e ensinar história se faz possível a partir da história de um bairro, bem como é possível construir uma narrativa partindo dos relatos de pessoas comuns e que tanto estas como o local onde habitam possuem e expressam historicidade. Nesse sentido:

A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelece relações entre grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de história, tanto no presente como no passado [...] é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperadas pela oralidade, existem os “lugares da memória” [...]. (BITTENCOURT, 2004, p. 168,169).

Contudo, a ênfase dada ao local não pode, por conseguinte, permitir a construção de uma história afastada ou apartada de realidades macros, se assim o fosse o estudo da história de um lugar, bairro ou cidade não possibilitaria aos estudantes a capacidade de fazer analogias, análises e interpretações mais coerentes sobre seus contextos de vivência macro e micro, por exemplo, o que corrobora com o que Barros (2013) afirma, uma vez que:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“[...] com a abordagem da História Local os alunos e alunas passam gradativamente [...] a compreender que as realidades históricas de determinada localidade e de seus habitantes no tempo não se dão isoladas do mundo”. (2013, p. 4)

Ao mesmo tempo em que não se pode pensar em uma história oral apartada de contextos macros, e nisso deve-se ter cuidado para evitar produções de narrativas diletantes e ufanistas, é na construção de uma narrativa local, apoiada na produção de fontes orais que se vê a possibilidade de oportunizar a discentes um ensino de história que se faça mais próximo e que os aproxime também à compreensão de fatos, processos e/ou conflitos externos, percebendo as múltiplas possibilidades de se narrar a história, não para apontar qual narrativa é mais verídica, por exemplo, mas para fomentar a capacidade de interpretação e leitura do mundo onde o local está inserido. Dessa forma:

As fontes orais propiciam ao aluno uma maior proximidade com a História, que deixa de ser vista como algo apartado, distante, difícil. É possível desenvolver uma sensibilidade maior para entender a dinâmica e os conflitos da história – que nunca é única, mas feita de múltiplas narrativas. As fontes orais facilitam o entendimento de que ela é um acúmulo de versões nem sempre concordantes. (MAGALHÃES; SANTHIAGO, 2015. p. 45)

Com a pesquisa, ao se propor o estudo da história local, acredita-se que se faz necessário recorrer a pressupostos teóricos da história urbana, mesmo que não se tenha como objeto de estudo uma cidade propriamente dita. Contudo é possível pensar o bairro Carananduba, tal qual uma cidade, como um local onde pessoas estabelecem relações de trabalho, sociabilidades, onde indivíduos vivenciam experiências sensoriais motoras pela extensão do lugar, um espaço de circulação de pessoas, memórias, histórias e de transformações que modificam a paisagem, os modos de vida e a apreensão do real, uma vez que: “A cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num universo mutável e as sociabilidades antigas cedem lugar às novas” (PESAVENTO, 2004. P. 27). Esta marca, ou melhor, inúmeras marcas, por sua vez, cristalizam-se como que enigmas a serem decifrados, pois converteram o espaço em lugar cuja inteligibilidade se fez em correspondência com o tempo.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Essas marcas da presença humana se expressam na relação do indivíduo com a cidade, com o lugar, com o local, com o bairro e aprender sobre esta relação é possível quando se considera que, para tanto, o elemento humano é fundamental. Assim, não se pode pensar um bairro ou cidade, seja qual for o espaço habitado por indivíduos, por sua simples materialidade e por suas fronteiras delimitadas, faz-se necessário ir além: pois: “[...] Tenta-se aprender a relação subjetiva entre o homem e a cidade, já que a posse de uma cidade se dá pelo corpo e a revelação que se efetua é elucidação de si e conhecimento da cidade.” (BRESCIANI, 2002, p.32).

Nesse sentido, a intencionalidade de pesquisar um bairro, como Carananduba, deve considerar que a relação que se dá entre um indivíduo e o lugar onde habita será sempre uma relação permeada pelo sensível, ou seja, o bairro é vivenciado e rememorado pelo sentir e pelas possibilidades do sentir. Nesse caso, a audição, visão e olfato permitem não somente uma relação de vivenciar fisicamente o bairro, mas de evocação de memórias ligadas ao sensível.

Para Corbin (1998) a apreciação sensorial da cidade permite a construção de paisagens que extrapolam a visão, baseiam-se em outros sentidos, assim o autor destaca a construção de paisagens olfativas e sonoras, por exemplo:

A apreciação sensorial da cidade não poderia, como se sabe, reduzir-se a uma arquitetura de pedra, isto é, a uma natureza morta. Ultrapassa em muito essa materialidade. Os seus ruídos, os seus odores e o seu movimento constituem a identidade da cidade, tanto quanto o seu desenho e as suas perspectivas. (CORBIN, 1998, p.107)

Dessa forma, pressupostos teóricos próprios da história urbana, colaboram na visualização de uma ideia de bairro que não se limita a fronteiras geograficamente delimitadas, mas que é capaz de transcender as proporções físicas de seus limites e que se constrói em temporalidades distintas, em modos de viver o lugar que assim se fazem únicos por serem experiências individuais daqueles que o habitam, ou seja, no cotidiano de seus moradores, que, para Certeau (1998), são compreendidos como os praticantes ordinários, os caminhantes, aqueles que vivenciam a cidade [o bairro] e com ela estabelecem relações e lhes dão significados distintos.

A compreensão e estudo da história e memória local do bairro não podem encerrar-se em si mesmos, isto é, não basta apenas a realização de uma pesquisa se esta

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

não devolver seus frutos aos que participarão das atividades que tal intento necessita para sua efetivação. Dessa forma, compreende-se que, ao estudarmos a história de um bairro e as memórias deste que sua comunidade carrega, transmite e, a seu modo, mantém viva, faz-se necessário também colaborar na manutenção dessas memórias, valorizá-las e publicizá-las, ou seja, tornar pública a história de um público, uma vez que:

“a temática do percurso histórico e das tradições de comunidades/localidades [...] é [...] objeto real de compreensão e de discursos que se constroem em uma dimensão cada vez mais democratizada e com maior participação da sociedade”. (MENEZES in MAUD; SANTIAGO e BORGES, 2019, p. 70).

Assim, a dimensão propositiva que, a partir da pesquisa será gerada, encontra sua justificativa na intencionalidade de produção de um conhecimento histórico escolar que seja apresentado a outros públicos para além do espaço de ensino formalmente constituído e que, além disso, seja um reflexo das relações construídas e guardadas nas memórias de quem vivenciou as mudanças na paisagem do bairro, evitando-se o distanciamento em relação à comunidade local e contrariando perspectivas academicistas de produção de conhecimento que se distanciam de seus objetos de estudo. Dessa forma:

Coletar o passado oral de uma pessoa para depois selá-lo em uma biblioteca na forma de monografias e teses é algo que não presta serviço algum à comunidade maior – e que pode quebrar o elo entre o que é contado e o que é ouvido, entre a “oralidade” e “auralidade”. Coletar a história, sem depositá-la, pode ser uma forma de roubo cultural. (DUNAWAY, 2016. p. 166)

Almeida e Rovai (2011) destacam que na história pública revela-se um esforço colaborativo que possibilita a valorização do passado para além da academia, com vistas à democratização da história, sem que se perca o poder de análise e a seriedade que lhe é inerente enquanto ciência, valem-se das palavras de Benjamim Filene, para definirem a história pública, como um ato “capaz de abrir portas e não de construir muros”.

Dessa forma, pesquisar sobre o bairro Carananduba implica na compreensão de que a história do lugar precisa ser reconhecida e, por conseguinte, ver o bairro como um lugar de memórias, um espaço de histórias. A partir de tal percepção, reconhecer a

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

necessidade de publicizar a história e as memórias de um lugar que há muito não lhe foi dada tal possibilidade, o que se relaciona ao caráter democrático e inclusivo próprios da história pública.

Nesse sentido, a escola enquanto espaço de produção de conhecimento histórico escolar desempenha papel importante, pois ao acolher e reconhecer que a história da comunidade, na qual se encontra inserida, tem valor, aceita a ideia de que o processo ensino-aprendizagem não se encontra circunscrito a um espaço de ensino formalmente delimitado e que ele pode acontecer a partir do estudo das memórias de pessoas comuns, daqueles que vivenciam o bairro e o percebem de formas distintas pelo sensível. Assim, tem-se o bairro como um lugar onde o processo ensino-aprendizagem é passível de ocorrer, bem como, pode possibilitar que o ensino de história se faça de modo a permitir que os envolvidos em tal processo possam realizar uma mudança na maneira pela qual olham o bairro, as pessoas e a si mesmos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Com o advento do contexto pandêmico atualmente vivido, as escolhas metodológicas e etapas da pesquisa foram inúmeras vezes adiadas, alteradas e adaptadas. Dessa forma, o trabalho com discentes encontra-se em fase inicial. Realizaram-se encontros com professor pesquisador e pais e discentes para apresentação da proposta de trabalho e realização de convite aos discentes interessados.

No primeiro contato, a receptividade em relação à proposta de trabalho, por parte de pais e/ou responsáveis e discentes foi expressivamente positiva. Os primeiros manifestaram-se, em grande parte, satisfeitos e interessados pela participação de seus filhos e filhas em uma atividade de pesquisa, alguns já se mostravam dispostos a relatar histórias e memórias sobre o bairro, ou citavam nomes de parentes mais velhos que poderiam colaborar. Os (as) discentes, por sua vez, demonstraram interesse e desejo em realizar a pesquisa<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A primeira atividade para realização da pesquisa consistiu-se em encontros com os (as) discentes acompanhados de seus pais e/ou responsáveis, para apresentação da proposta de trabalho, assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido, por parte dos pais e/ou responsáveis, em relação a participação de seus filhos e filhas e o preenchimento de um questionário socioeconômico destinados aos alunos e alunas. Vale lembrar que esses encontros foram realizados durante as duas últimas semanas de

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

Destarte, construir uma história local do bairro Carananduba, a partir das memórias de pessoas que ali residem ou mantém alguma relação com o bairro<sup>8</sup>, valendo-se do uso da metodologia da história oral, implica num deslocamento não somente do espaço destinado ao ensino, mas um deslocar-se de si mesmo, um encontro intergeracional, que, por sua vez, permite o compartilhamento de memórias e saberes e colocará os discentes na condição, não somente de construtores de conhecimento histórico, mas como responsáveis pelo registro, preservação e posteridade da memória local. Além disso, acredita-se que essa marca intergeracional da pesquisa possibilite também a compreensão da historicidade dos discentes e daqueles que por eles serão entrevistados.

Assim, a partir da percepção da historicidade do outro, alunas e alunos poderão também se autorreconhecerem como seres dotados desta mesma condição e que, por conseguinte, estão inseridos e inseridas como sujeitos (elementos constituintes) na realidade a ser pesquisada, compreendendo que aprender sobre história é possível a partir de estudos sobre o bairro e sobre memórias atinentes a este. Pois, entende-se que, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE. 1996, p. 13).

Uma experiência geradora de sentido é o que se espera com a pesquisa, ou seja, a possibilidade de oferecer aos discentes a participação ativa na construção do conhecimento histórico escolar a partir da história local, pois se acredita que tal qual a história local não possa ser pensada como algo apartado da realidade macro na qual se encontra inserida, de igual maneira, o ensino de história não pode ser efetivado se ainda assim for feito de modo distanciado em relação aos contextos de vida a quem tal ensino se dirige. Nesse sentido:

---

junho de 2021, o professor pesquisador estipulou horários pré-determinados, evitando a possibilidade de aglomerações e respeitando as orientações de prevenção a covid-19.

<sup>8</sup> Compreende-se que nem todos os alunos, bem como familiares destes, a serem envolvidos na pesquisa são residentes no bairro, uma vez que a escola-campo atende pessoas de várias partes da ilha de Mosqueiro, o que não implica no não estabelecimento de relações com o local a ser estudado. O olhar de quem não reside em um determinado espaço pode ser também capaz de expressar uma percepção acerca deste.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Podemos afirmar que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História, na escola fundamental, é fazer com que o aluno se capacite a realizar uma reflexão de natureza histórica acerca de si e do mundo que o rodeia. Este conhecimento acerca do mundo, que a reflexão histórica produz, é fundamental para a vida do homem em sociedade e, também, pressuposto para qualquer outro raciocínio de natureza crítica e emancipatória. (SEFFNER in GIACOMONI, PEREIRA, 2018, p.23)

Para além das contribuições de publicização da história local e da promoção de um ensino que se faça efetivamente e afetivamente mais relacional, no que se refere ao estudo da história, outra possibilidade pode ser levantada, isto é, no desenvolver da pesquisa, que culminará com a apresentação do que se propõe em sua dimensão propositiva, todo o esforço do trabalho, poderá acarretar numa maior aproximação entre escola e comunidade, uma vez que, a primeira se encontra inserida no bairro e faz parte de sua história.

Em suma, pesquisar sobre a história do bairro Carananduba implicará na possibilidade de perceber a escola como um espaço de apresentação, publicização e ampliação de públicos em relação às memórias e história do local, mas além disso, fomentará o protagonismo discente no que se refere a produção do conhecimento histórico escolar, bem como, o estímulo a uma percepção crítica acerca do bairro, das pessoas e de si mesmos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ALBUQUERQUE JR, Durval Munis de. **Um quase objeto: algumas reflexões em torno da relação entre história e região**. In: LEAL, Maria das Graças de, FARIAS, Sara Oliveira, (Orgs.). História Regional e Local III reflexões e práticas nos campos da teoria, pesquisa e do ensino. Salvador, ENUDEB, 2015. p. 37-61.

ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 7-18.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, memória e história local**. In: Criar Educação. Santa Catarina, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1247>. Acesso em: 12/08/2020.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais- Geografia**. Brasília, MEC-SEF, 1997.
- BRESCIANI, Estella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.) Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 16-35.
- CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço: Caminhadas pela cidade. In. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis. Editora Vozes, 1998. P.169- 191.
- CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François. Para uma história cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p 97-110
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **Métis: história e cultura**, v. 2, n.2, p. 11-32, jul./dez. 2002.
- DUNAWAY, King David. **Rádio, história oral e história pública**. . In. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). História Pública no Brasil sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 166-172.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & FRANCO, Renato. In Aprendendo História: reflexão e ensino. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- FERREIRA, Rodrigo de Almeida. Qual a relação entre história pública e o ensino de História. In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. In: **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e voz, 2019, p. 29-38.
- FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de; SANTHIAGO, Ricardo e. **História Oral na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- MEIRA FILHO, Augusto. In **Mosqueiro, ilhas e vilas**. Belém: Grafisa, 1978.
- MENEZES, José Newton Coelho. Todo patrimônio é uma forma de história pública? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade. In: **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e voz, 2019, p. 69-83.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com olhos no passado: a Cidade como palimpsesto. In: Revista Esboços: **revista do Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina**. Vol. 11, n. 11 (2004), p. 25-30, Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163491/000519969.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar história: como jogar com isso?. In. GIACOMONI, Marcello Paniz, MULLET, Nilton Mullet Pereira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. p.35-46.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História Local: Objectivos, métodos e fontes. Universidade do Porto, 1998. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3226.pdf>. Acesso em: 16/07/2020.

TAVARES, Daniel Rodrigues. **O ensino de história por meio da educação patrimonial na ilha de Mosqueiro**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.